

# FEMINILIDADE E FEMINISMO – CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE AS MULHERES DO SÉCULO XXI

Bruna Rosa de Almeida<sup>1</sup>

Rafael de Souza Pereira Gomes<sup>2</sup>

## Resumo:

Este ensaio teórico discute a feminilidade, o feminismo e a mulher do século XXI. Com este fim em vista, é explicitado a temática sobre o feminismo e a mulher na contemporaneidade, posteriormente apresenta-se a visão da mulher para a psicanálise na época de Freud, discutindo-a a partir das teorizações freudianas e alguns conceitos lacanianos, como o de sujeito estruturado pela linguagem e discurso do Outro. Mediante estes conteúdos, é construída uma visão psicanalítica sobre a mulher e o feminismo na contemporaneidade, chegando às considerações de que existe uma desigualdade na subjetividade de homens e mulheres e que estas se movimentam no feminismo a partir de um desejo que tem origem na própria constituição como mulher. Além disso, é considerado o aspecto inovador de Freud por ter se empenhado na investigação sobre a sexualidade das mulheres, considerando que em sua época não se falava sobre elas, pois as mulheres tinham seu espaço apenas na esfera privada.

Palavras-chave: Psicologia. Psicanálise. Feminilidade. Feminismo. Mulher.

## INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, homens e mulheres estabeleceram relações a fim de viverem em sociedade, sendo elas baseadas principalmente no poder. Essas relações não se constituíram de forma igualitária estabelecendo assim uma desigualdade que gerou insatisfações e serviram como fonte de subsídio para o surgimento do feminismo. Este foi constituído por mulheres que vivenciavam desigualdades em relação aos homens, pois eram colocadas nos mais variados contextos em uma posição inferior a eles, fato esse que as levou a reivindicar direitos iguais para todas as pessoas. Este modo de relação se perpetuou no decorrer de toda a humanidade e permanece até os dias atuais, por isso situar o feminismo num contexto marcado por transformações políticas, econômicas e sociais, faz com que este fenômeno se torne relevante para que seja possível ao feminismo encontrar

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Psicologia do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG, e-mail: bruna\_rosa\_almeida@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduado em Psicologia; Licenciado em Filosofia; Especialista em Psicomotricidade; Professor do Centro Universitário de Várzea Grande – UNIVAG, e-mail: rafael.gomes@univag.edu.br/rafaeldesouzapereiragomes@gmail.com

espaço para reivindicar seus direitos e possibilitar mudanças no modo como mulheres são tratadas.

O feminismo passa a ser caracterizado como um movimento social, filosófico e político que acaba por mobilizar uma parcela da sociedade, em busca de produzir reflexões sobre os papéis exercidos pela mulher, o que possibilita que novas concepções possam ser construídas, a fim de que ela seja beneficiada enquanto ser humano e cidadã, merecendo um lugar de mulher autônoma e independente, o que no passado não era proporcionado à ela. Segundo Pinto (2010) o feminismo se apresenta como um movimento libertário, que não busca apenas um espaço para a mulher, mas é uma luta que também reivindica uma nova forma de relação entre homens e mulheres.

Essas reivindicações estão atreladas às demandas que o meio social faz a mulher, pois nele não há espaço para que estas expressem seus desejos, o que torna possível perceber que na contemporaneidade existem novas reivindicações, mas todas visam um mesmo objetivo, o qual se refere ao direito de responder por si sem estarem atravessadas por discursos que idealizam à sua feminilidade e o que é ser uma mulher. Um exemplo são as discussões feministas sobre a mulher ter o direito sobre o próprio corpo, visto que frequentemente nos deparamos com um discurso construído socialmente sobre o que se espera da mulher em relação ao uso do corpo, discurso este que se constitui a partir da relação de poder que busca ser desconstruído pelo movimento feminista. Não raro ouvir alegações que enfatizam a culpa da mulher no caso de abusos, pelo fato de usar roupas curtas, deixando seu corpo a mostra. É deste posicionamento que provém a discussão feminista em relação ao uso do corpo, o qual elas desejam tirar proveito como quiserem sem serem influenciadas por este discurso que as interdita, privando-as da liberdade.

Além disso, vive-se numa sociedade contemporânea que valoriza o fato de que toda mulher deve ser mãe e as mulheres que escolhem não responder a essa demanda são julgadas na maioria das vezes, ou seja, não podem desejar algo fora do que é idealizado a elas. O que se demonstra nos movimentos feministas são desejos que buscam satisfação e que estão ligados às necessidades próprias da mulher e não mais às demandas do meio social, pois somente assim será possível abrir possibilidades para se construir um novo olhar sobre o papel feminino neste espaço.

As mulheres buscam uma nova identidade, esta que deve ser construída a partir das concepções do que é propriamente feminino, e somente elas que podem dizer sobre isso, pois muitos estereótipos foram construídos e perpetuados sem se referir ao que elas são realmente, o que é expresso nas insatisfações das mesmas, por isso os movimentos feministas vem ressaltar a questão da liberdade, até mesmo para a mulher escolher ser feminina ou não, essa escolha baseada em seus desejos. Assim, torna-se pertinente a compreensão do feminismo, bem como as concepções sobre a feminilidade e,

consequentemente, sobre a mulher, pois é a partir dela que o feminismo elabora os seus questionamentos.

Para tal compreensão, este ensaio teórico foi fundamentado nas teorias psicanalíticas, mas especificadamente, nas teorias freudianas em relação à mulher e seu desenvolvimento, utilizando-se também de alguns conceitos lacanianos citados por outros autores, como o de sujeito estruturado pela linguagem e discurso do Outro. Teve como objetivo explicitar um modo de compreender o feminismo a partir dessa teoria, acreditando que este fenômeno surge das insatisfações das mulheres perante uma desigualdade que está presente na própria constituição das mesmas, desigualdade que está para ambos os sexos embora cada um encontre uma maneira de lidar com ela. Além disso, o ensaio pretendeu abordar o feminismo sobre uma nova perspectiva a fim de proporcionar novas reflexões para pesquisas futuras.

## **ASPECTOS HISTÓRICOS SOBRE O FEMINISMO**

Na contemporaneidade as mulheres buscam ocupar diferentes espaços na esfera pública e privada, isso se dá pelo fato de que antes do século XIX as mulheres não ocupavam este lugar, pois havia uma concepção bastante conservadora em relação aos papéis que elas exerciam, o que não permitia a elas esse espaço. Hoje esta ideia ainda se mantém, mas não de forma tão rígida porque já existem lugares em que se pode pensar sobre esses novos posicionamentos da mulher, como por exemplo, em universidades nas quais grupos de estudantes se reúnem para discutir esta temática.

A visão conservadora que foi citada é aquela da mulher submissa ao homem, que tinha seu lugar valorizado apenas no âmbito da vida privada, ou seja, exercendo funções de doméstica, mãe e esposa. Kehl (2004) salienta que os estereótipos relacionados à vida doméstica, como os cuidados de casa, a privacidade, continuam a ser algumas das características do que é próprio da mulher. E é exatamente sobre esses estereótipos que os movimentos feministas vêm trazer suas reflexões, pois as mulheres já desejam outras coisas e é esse desejo que vem movimenta-las em direção a uma maior participação no meio político, social e profissional.

Em relação a essa visão que se tinha da mulher, Beauvoir (1970) fala que a posição da mulher diante do homem não era a de igualdade. Acrescenta que a identidade da mesma era relativa a ele, dizendo ainda que “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (BEAUVOIR, 1970, p. 10), isto porque, diz a autora, essa visão foi construída desde os primórdios da humanidade.

Essa crença na superioridade do homem, fez com que as culturas se tornassem patriarcais e machistas, ficando a mulher inferiorizada. Segundo a autora citada anteriormente, com o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada, a mulher passou a ser oprimida e o homem reinando soberanamente. Desta forma, se perpetuou por muito tempo este padrão cultural que se tornou algo enrijecido e que tem dificultado as tentativas das mulheres em se fazerem presentes na esfera pública, como pessoas merecedoras dos mesmos direitos que os homens.

Beauvoir (1970) cita ainda que homens e mulheres nunca partilharam de condições pautadas em igualdade e comumente em muitos países o estatuto legal da mulher não era idêntico ao do homem, e quando havia o reconhecimento do direito delas ainda se encontrava dificuldades de expressão perante os hábitos e costumes da cultura. Assim, pode-se observar que, em séculos anteriores, de diversas maneiras buscou-se colocar a mulher nesta posição inferior, logo, é deste lugar que surgiu as insatisfações que levaram uma parte dessas mulheres a se unirem com o intuito de reivindicar direitos que as iguallassem aos homens e é diante desta situação que o feminismo construiu seus pressupostos.

Os movimentos feministas iniciaram por volta da segunda metade do século XIX, período em que as mulheres reivindicavam a igualdade de direitos. Esse movimento contou inicialmente com mulheres burguesas e de classe média, chamadas de sufragistas. Estas iniciaram o movimento a fim de conseguir o direito de poder votar, trabalhar, estudar, exercer papéis que iam além do espaço familiar (FARIA, 2008). O direito ao voto foi a principal reivindicação quando se iniciaram as manifestações feministas, pois inspiradas na sociedade democrática, as mulheres podiam estar asseguradas ao reivindicar por direitos. Dessa forma, em 1918 foi conquistado o direito ao voto pelas mulheres no Reino Unido, sendo que, no Brasil, essa conquista se deu por volta de 1932-1933 (PINTO, 2010). Nye (1995, p. 19) diz que “a teoria democrática incentivava as feministas a verem o voto como o modo correto e mais prático de atingir suas metas”. Sendo assim, a partir da conquista deste direito, foi possível que as mulheres se motivassem ainda mais para continuar as suas reivindicações.

Segundo Manini (1996), nos anos de 1970 quando a questão dos direitos das mulheres se tornou o centro das discussões, estas denunciavam a discriminação sexual pela qual passavam, buscando resolver problemas como: o salário menor que o do homem, a falta de creches para seus filhos, a jornada de trabalho dupla, etc. Ou seja, nessas discussões, as mulheres passavam a reivindicar direitos que as fariam ter tanta autonomia quanto os homens, queriam a independência para realizar o que desejassem. E é a partir desses questionamentos que o movimento feminista se estrutura, buscando construir novos parâmetros sobre a identidade feminina.

Deste modo a partir das manifestações feministas iniciou-se uma luta que mostra seus ideais até os dias atuais e que reflete, por exemplo, no aumento do número de mulheres em faculdades, empresas, ambientes de lazer, um posicionamento no qual elas expressam seus desejos de autonomia, independência e direitos. Segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) publicada em 2012 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

O crescimento da população ocupada nos serviços prestados a empresas refletiu-se no crescimento da presença de homens e mulheres nessa atividade. De 2003 para 2011, o crescimento foi de 3,2 pontos percentuais (de 11,6% para 14,9%) entre as mulheres (IBGE, 2012, p.5).

Evidencia-se assim a inserção da mulher no espaço profissional, este fato que pode ser entendido como uma conquista que busca ir além e proporcionar a inserção das mulheres entre outros espaços que elas tanto desejam.

Apesar de toda força dos movimentos feministas sobre a sociedade, a aceitação de suas reivindicações não se dá de forma fácil. Isso se justifica pelo fato de que, fazem-se necessárias mudanças nas concepções que se tem da mulher. Sobre isso Kehl (2004) ressalta que as formações culturais não conseguem dar conta de um fenômeno novo como este, sendo então a construção de uma nova concepção sobre a mulher o foco do feminismo.

Segundo Arendt (1983 *apud* Codognoto [2005-2016]) o espaço público está relacionado ao meio no qual o sujeito pode se expressar e construir sua identidade, já o espaço privado estaria ligado à privação e a necessidade. Com isso é possível compreender as motivações para as feministas se expressarem publicamente com suas manifestações em diversos meios da sociedade, pois a construção de uma nova visão da mulher só poderá ocorrer se elas forem vistas, ou seja, fora do âmbito privado no qual foram colocadas.

Dessa forma, as mulheres estão desejando uma identidade feminina que não esteja mais atrelada às concepções que foram construídas em tempos anteriores, pois já houve transformações no mundo e não cabe mais defini-las sobre elas, é preciso reinventar novas e não perpetuar as passadas, essa construção que está cada vez mais atrelada às demandas atuais.

## **A MULHER NA PSICANÁLISE**

Diante das várias concepções que foram construídas sobre a mulher, procurou-se entendê-la a partir das teorias de Freud, ele que também se dedicou a construir uma teoria

sobre a feminilidade. Freud alegava que a mulher era um enigma a ser decifrado, sendo a sexualidade dela uma questão que desperta muitas curiosidades.

De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir -, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de disposição bissexual (FREUD, 1933/1996, p. 125).

Diante do exposto, percebe-se que o autor não tentará definir a mulher e os aspectos propriamente femininos, o que o afastou de uma posição na qual se estabelece conceitos e estereótipos sobre a mulher, construção que já foi feita pelo meio social. Freud construiu teorias sobre o desenvolvimento da mulher e desta forma possibilitou a abertura de um espaço para se falar sobre a sexualidade da mesma, isso pôde ser considerado um ato inovador, pois ao escrever sobre a sexualidade feminina e falar sobre um corpo que não era apenas biológico, mas fonte de prazer, provido de emoções, sensações – um corpo pulsional –, ele possibilitou uma transformação na concepção sobre o que as mulheres sentiam e ao falar sobre o papel da repressão na etiologia das neuroses, o mesmo abriu espaço para entendermos que esse discurso que atravessa e interdita o corpo feminino é também a fonte de suas moléstias.

Diferentemente do homem, a mulher vai se constituir enquanto tal a partir de um longo e complexo processo de desenvolvimento, iniciado na infância. Dessa maneira, faz-se necessário saber do processo de constituição pelo qual passa, entendendo que pelo modo como significa as suas experiências, poderá se posicionar de uma maneira particular frente aos acontecimentos que vivencia e constrói.

A respeito dessa constituição, utilizando-se de um conceito laciano, entende-se que toda criança após o seu nascimento precisará de outra pessoa para inseri-la à linguagem, uma pessoa que faça essa função em específico - podendo ser a mãe ou não a exercer esse papel - e que também proporcionará o despertar da sexualidade da mesma. Em relação a essa constituição Elia (2010) afirma que para compreender o modo como o sujeito se constitui é necessário considerar o campo do qual esse sujeito é efeito, isto é, o campo da linguagem. A partir disso, já é possível pensar que a criança será efeito da linguagem, atravessada por um discurso do Outro, este que é um lugar simbólico e contém os significantes (ROUDINESCO, 1998) que serão emprestados à criança e que ela vai toma-los para si produzindo significados para suas vivências a partir deles. O Outro então que define para a criança o que é uma mulher e o que é um homem, isto é, ele emprestará à ela os significantes propriamente femininos e masculinos, fazendo com que a criança se constituía enquanto sujeito a partir destes significantes.

Em relação ao despertar da sexualidade na criança, Freud (1907/1996, p. 124) afirma que “o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de sensações sexuais”, assim entende-se que os cuidados maternos despertam sensações prazerosas, e então a criança estará em contato com as primeiras fontes de satisfação. Entre estas, na fase fálica, a criança terá o genital como fonte de prazer e tanto o menino quanto a menina acreditam que todas as pessoas são iguais em relação aos órgãos genitais. Freud (1905/1996) salienta sobre a primeira teoria sexual infantil que é a suposição de que todos os seres humanos possuem a mesma genitália, o pênis, este que é um órgão propriamente masculino. Deste modo, tanto meninos quanto meninas acreditam possuir o pênis, não havendo uma diferença sexual entre eles.

Freud (1923/1996) avança em seus estudos ao dizer que a organização genital infantil se diferenciava da organização final do adulto por sua característica principal que consistia no fato de que entrava em consideração para ambos os sexos um único órgão genital, o masculino, concluindo então que não estava presente uma primazia dos órgãos genitais, mas uma *primazia do falo*. Ou seja, existia apenas o falo, este que para o menino poderia ser representado pelo pênis e a menina que considerava o seu clitóris como um pequeno pênis também o tinha como representante fálico, não havendo então uma diferença entre os comportamentos do menino e da menina, pois ambos possuíam o falo.

Considerando a anatomia dos seres humanos, sabe-se que o órgão propriamente feminino é o clitóris, porém a menina acreditará que o seu órgão é um pênis, tendo com isso a sua fonte de prazer voltada para o clitóris, este que será considerado como análogo ao órgão masculino. Então, assim como o menino, ela se masturbará, e é devido a isso que Freud dirá que “com respeito às manifestações auto-eróticas e masturbatórias da sexualidade, poder-se-ia formular a tese de que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino” (1905/1996, p. 207), ou seja, as meninas se comportariam como um menino.

Esse período em que a menina crê possuir o falo, não durará por muito tempo, essa crença começa a ser questionada quando nota uma diferença entre o seu órgão e o do menino, que faz com que ela tenha certeza de que não o possui ao observar o órgão da própria mãe. Esta distinção anatômica entre os sexos deixará algumas consequências psíquicas na criança, sendo no caso da menina, a subjetivação do seu sexo relacionada à uma falta, ou seja, a menina se vê faltosa e isso será definido por Freud como complexo de castração, afirmando que “a falta de um pênis é vista como resultado da castração e [...] a

criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria” (FREUD, 1923/1996, p. 160).

Dessa maneira, pelo fato da mulher perceber a falta de um pênis em seu corpo, e conseqüentemente a ausência do atributo fálico, ela acaba por ser considerada castrada, originando o sentimento de inferioridade, em contrapartida, o homem é colocado como ser superior, por ter o representante fálico. Em relação à isso, Freud (1996/1933, p. 135) ressalta que “como resultado da descoberta da falta de pênis nas mulheres, estas são rebaixadas de valor pela menina, assim como depois o são pelos meninos, e posteriormente, talvez, pelos homens”.

Entretanto, Dor faz uma pontuação importante no que se refere à castração, dizendo que

A atribuição fálica é a concepção de alguma coisa que deveria ter estado lado lá e que é, portanto, vivida como falta. Por esta razão, o objeto fálico é um objeto estritamente imaginário. Podemos então dizer que, em Freud, a questão da castração está, de roldão, irredutivelmente ligada à dimensão imaginária do falo, e não à dimensão do órgão: o pênis ou a ausência de pênis (DOR, 1991, p. 35).

Então, essa falta no corpo da menina está ligada à dimensão imaginária, na medida em que consideramos o pênis apenas como representante fálico, não como o falo em si, pois a falta está tanto para o homem como para a mulher. No entanto, a falta do atributo não será aceita com facilidade pela mulher, pois buscará compensá-la com uma inveja do falo que a movimentará no desejo de possuí-lo. Freud (1925/1996) salienta que essa inveja pode levar à ramificação do complexo de masculinidade na mulher, sendo que a insistência em se manter no mesmo dificulta o advento da feminilidade. Segundo ele, além deste complexo, pode surgir como efeito da castração uma aversão à sexualidade, na qual a menina se sentindo insatisfeita com seu clitóris abandona a atividade fálica e com ela sua sexualidade (FREUD, 1931/1996).

Ao passar pelo complexo de masculinidade e não renunciar a sua sexualidade, a menina continuará com seu desejo de possuir o falo, porém o substituirá por outro. Com o abandono do desejo primário, “coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse *fim em vista*, toma o pai como objeto de amor” (FREUD, 1925/1996, p. 288) e assim se inicia o que se conhece como complexo de Édipo. É somente com a tomada do pai como objeto que a menina pode atingir, muito indiretamente, a atitude feminina normal, deparando-se então com a forma feminina do complexo de Édipo (FREUD, 1996/1931). Vale ressaltar que este, no caso da menina, será apenas recalçado e não destruído como o é no menino, isto porque na menina falta o temor à castração, motivo que leva o menino a abandonar o complexo

(FREUD, 1996/1933). Para este autor “as meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto” (FREUD, 1996/1933, p. 137), sendo possível então que a mulher permaneça sob a influência do mesmo durante um longo período de sua vida.

Freud (1996/1924) enfatizará, então, que os dois desejos particulares da menina – desejo do falo e desejo do bebê – permaneceriam intensamente investidos no inconsciente e serviriam como uma preparação ao sujeito do sexo feminino para seu papel posterior, ou seja, o papel materno. Inicia-se assim uma concepção de que é essencialmente feminino o desejo materno, a mesma podendo estar relacionada às próprias representações que a sociedade atual tem em relação à mulher. O autor ainda salienta que mesmo na feminilidade alcançada, ainda pode-se observar ligeiramente o antigo desejo de possuir o falo, sendo este identificado então, *par excellence*, um desejo feminino (FREUD, 1996/1933), isto se justifica pelo fato de que o bebê desejado é apenas um substituto para este antigo desejo da mulher.

A partir das concepções de Freud compreende-se que é pela castração que a mulher poderá alcançar a feminilidade, isto sendo possível somente para as mulheres que fizessem a troca do seu desejo por um pênis para o desejo do bebê. André (1998, p. 24) acrescenta que “a feminilidade não pode ser concebida como um *ser* que seria dado desde o início, mas como um *se tornar* – e um se tornar que, paradoxalmente, se inaugura para a menina a partir de seu complexo de masculinidade”. Além dessa primeira troca, Freud cita a necessidade da realização de outra, a qual propiciaria a transformação da menina em mulher, esta troca sendo relacionada à excitabilidade clitoriana para vaginal. Sobre isso, ele relata que “com a mudança para a feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir suas sensibilidade, e ao mesmo tempo sua importância, para a vagina” (FREUD, 1933/1996, p. 127).

Levando em conta que o processo de subjetivação dos sexos se dá no plano do inconsciente, este que para a psicanálise é um lugar desconhecido da consciência, como se fosse uma “outra cena” (ROUDINESCO, 1998), pode ser entendido que as mulheres não conseguem dizer ou pensar conscientemente que já tiveram inveja do pênis e que são castradas, porém há o sentimento de que elas são inferiores ao homem, que há uma desigualdade entre esses dois sexos. Zalcberg (2007) salienta que no inconsciente há uma desigualdade entre os sexos, no qual o homem tem um elemento que represente seu sexo, o pênis, enquanto a mulher não tem tal representante, por isso não havendo algo que caracterize sua feminilidade. Isto porque o clitóris é um órgão análogo ao pênis, se definindo então como órgão masculino, e a vagina por não possuir o caráter de visibilidade, um órgão

que só é descoberto posteriormente, isso se a mulher for em direção à feminilidade, não terá então o valor simbólico para representar o sexo feminino.

Apesar de todo esse processo de desenvolvimento sexual que pode levar a mulher ao alcance da feminilidade, Freud (1937/1996) enfatizou que o desejo de masculinidade que tem seu lugar no inconsciente devido à repressão, exerce uma influência perturbadora na mulher. Ressaltando ainda que,

Em nenhum ponto de nosso trabalho analítico, se sofre mais da sensação opressiva de que todos os nossos repetidos esforços foram em vão, e da suspeita de que estivemos 'pregando ao vento', do que quando estamos tentando persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis, com fundamento de que é irrealizável (FREUD, 1937/1996, p. 265).

Ou seja, mesmo a mulher em processo de análise pode não ser capaz de superar esse desejo de ter o órgão masculino que é o representante psíquico do falo, desejo este que busca sua satisfação na igualdade da mulher em relação ao homem, por isso pode-se pensar sobre o que este autor salientou em relação à ser essencialmente feminino o desejo do falo.

## **ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA MULHER PARA A PSICANÁLISE**

A partir dessas considerações feitas por Freud sobre as mulheres, ele acabou por eleger alguns posicionamentos expressos por elas que aparecem como consequência desse processo de constituição. Esses posicionamentos tem origem no complexo de Édipo da menina que se apresenta de maneira mais complicada em relação ao complexo do menino.

Em primeiro lugar, pode-se pontuar o fato de que não há uma motivação específica para a destruição do complexo de Édipo na menina, não havendo então um motivo para o estabelecimento do superego e da interrupção da organização genital infantil. Dessa forma, essas mudanças advêm mais da criação e intimidação vindas do meio exterior, que a ameaçam com uma perda de amor (FREUD, 1924/1996). Acrescenta que devido a essa falta de uma formação efetiva do superego na mulher "o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens" (FREUD, 1925, p. 290).

Além dessas considerações, Freud ainda pontua que

Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres – que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são

mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição e hostilidade – todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego [...] (FREUD, 1925/1996, p. 290).

Freud (1925/1996) salienta que devido a inveja do falo, pode haver algumas consequências para a mulher, uma delas é que, a partir da ferida narcísica – de não ter o falo – ela pode desenvolver um sentimento de inferioridade. Afirma também que mesmo após a mulher ter abandonado o verdadeiro objeto de sua inveja, ela continua existindo no traço característico do ciúme. Outra possível consequência relatada pelo autor é o afrouxamento da relação afetiva da menina com seu objeto materno, isto porque a mãe acaba sendo considerada a responsável pela falta de um falo na filha. O autor também afirma que uma vaidade física nas mulheres também é efeito da inveja do falo, isto porque a mulher precisa valorizar os seus encantos como modo de compensação por sua inferioridade sexual. (FREUD, 1933/1996).

Outras peculiaridades psíquicas da mulher ainda são enfatizadas por Freud como a atribuição à feminilidade de uma quantidade maior de narcisismo, o que influencia na escolha objetal da mesma, de modo que para ela há uma necessidade mais forte de ser amada do que amar. Também sendo peculiar à mulher a vergonha que pode ter como finalidade ocultar a deficiência genital e, a menor capacidade de sublimação dos instintos que ela pode realizar, sendo então consideradas mais débeis em relação aos homens (FREUD, 1933/1996).

Considerando que no desenvolvimento da mulher ela será privada do falo, ela poderá constituir uma estrutura histérica, no qual o falo é o objeto que o histérico se sente injustamente privado. Com isso, torna-se parte do jogo histérico a questão do passo a dar na assunção da conquista do falo (DOR, 1991). Dessa forma, pode-se pensar que para as mulheres histéricas a questão fálica está sempre em jogo e que por certas vias sintomáticas elas buscam obter este objeto fálico. O autor ainda relata que o cuidado com a perfeição mobiliza sem descanso a mulher histérica, isto porque “a busca infernal pela perfeição vem justamente nomear, para traduzir seu próprio negativo: a convicção permanente da imperfeição” (DOR, 1991, p.77), isto é, a histérica vive por uma dinâmica de fazer-parecer, no qual ela se esforça para mascarar as imperfeições que ela julga estar psiquicamente afetada.

Em relação à isso pode-se entender que a mulher busca esse ideal de perfeição para poder mascarar à sua castração, por isso os investimentos em roupas, maquiagens, etc, estes servindo para ocultar a falta que é própria a constituição feminina. Zalberg também salienta sobre esse comportamento da mulher quando afirma que “Lacan chama de *mascarada* ao conjunto de recursos aos quais a mulher recorre para dissimular, de maneira

enganosa, sua falta que é basicamente [...] falta de uma identidade especificamente feminina” (ZALCBERG, 2007, p. 65).

Outro ponto importante em relação à mulher está em sua frequente identificação com outras mulheres, principalmente nas históricas, pois esta identificação leva à questão da própria identidade feminina, sendo então comum observar que as históricas elegem um ou outro modelo feminino para tentar assumir a sua própria feminilidade. Este modelo feminino é estimado pela histórica, justamente porque ela acredita que a outra mulher pode responder à questão que é essencial na dinâmica da histórica: *o que é ser uma mulher?* (DOR, 1991).

## DISCUSÃO

Diante do que foi exposto em relação ao conceito lacaniano da constituição do sujeito, compreende-se que a constituição da mulher se inicia antes mesmo do seu nascimento e quando este ocorre ela será atravessada por discursos que dirão à ela o que é ser uma mulher, logo, ela será efeito da linguagem. Pensando dessa forma, os estereótipos femininos que o movimento feminista busca romper são significados universais sobre o ser feminino que estão presentes no campo da linguagem e que influenciam na constituição de cada sujeito, por isso existe uma dificuldade em rompê-los. Isto também se refere ao fato de que existem culturas diversas que constroem representações sobre a mulher das mais diversas maneiras, fazendo com que a proposição do feminismo seja uma desconstrução atravessada por cada cultura, tornando quase impossível o que se propõe.

Uma vez que a partir da articulação dos significantes, é possível se produzir significados, como bem salienta Elia (2010, p. 37) ao citar a proposição de Lacan, de que “o significante prevalece sobre o significado, que lhe é secundário, e se produz somente a partir da articulação entre os significantes”, pode-se compreender que os questionamentos do feminismo seriam uma forma de buscar a produção de novos significados para o feminino, porém, entende-se que os significantes são próprios de cada sujeito e a ressignificação destes está para cada um em particular, o que não permite que se pense em produção de significados coletivos sobre o feminino como parece propor o feminismo.

Ainda em relação à constituição dos sujeitos, estes que adentram em uma ordem social e um campo da linguagem que possui os seus próprios significados sobre a mulher, observa-se que nela estruturou-se uma desigualdade – inconsciente – entre homens e mulheres, o que gerou consequências que passaram a se apresentar nas próprias relações estabelecidas entre eles, levando, por exemplo, à constituição do feminismo por parte das mulheres que vivenciam mais duramente tais consequências. Assim, é defendido no feminismo que todas as pessoas, independente do seu gênero devem ter os mesmos

direitos e oportunidades, fazendo com que as mulheres, assim como os homens, possam realizar os mesmos feitos, não havendo uma diferença entre eles.

Considerando essas questões, além disso, percebendo que o movimento feminista é originado por insatisfações das mulheres em relação aos homens, pode-se pensar que essas questões podem ter suas origens desde as subjetivações que as mulheres tiveram sobre o seu sexo. Como explicitado, a mulher tem uma falta no corpo que será simbolizada como uma castração e essa falta dá origem a um sentimento de inferioridade, este que pode ser pensado como uma justificativa para as demandas que o feminismo traz no centro de suas manifestações, isto é, uma igualdade entre homens e mulheres, na qual a mulher não estaria numa posição inferior, superando então esse sentimento, que segundo Freud (1924/1996), é fundamento da injustiça que a menina sente por não ter se saído bem no momento de conseguir o falo.

A desvalorização da mulher por não possuir o representante fálico, pode ser pensada com um fator que deu origem às concepções que foram criadas sobre as mulheres e as posições inferiores que foram colocadas durante toda a existência da humanidade. Além disso, é possível pensar que as próprias mulheres acabam por reproduzir os discursos machistas do meio social, na medida em que é ele que prescreve o que é coisa de homem e coisa de mulher. Esse desmerecimento também pode ser questionado ao se pensar que Freud elegeu o pênis como o representante do valor e não valor do sujeito, porém a desigualdade nas relações já existia antes dessa proposição, ficando em aberto a questão sobre o que realmente originou essa desigualdade.

Sabe-se que o fato da menina se sentir injustiçada por não possuir o falo, faz com que a mesma seja dominada por uma inveja, na qual vai desejar tê-lo, podendo assim se igualar ao homem, e deste modo ela pode permanecer com esse desejo até as fases posteriores de sua vida, mesmo que de forma inconsciente. Os modos que as mulheres podem buscar para satisfazer esse desejo são variáveis, um deles pode ser no funcionamento da estrutura histórica, na qual a dinâmica do sujeito está voltada para a assunção da conquista do falo. Sobre isso, Freud (1925/1996, p. 286) já salientava que o desejo de “tornar-se semelhante ao homem, pode persistir até uma idade incrivelmente tardia e transformar-se em motivo para ações estranhas e doutra maneira inexplicáveis”.

Freud também salientou sobre o fato de que a mulher não nasce uma, mas se torna, isto é, o processo de constituição pelo qual ela passa pode leva-la a tornar-se mulher, isto porque o alcance da feminilidade depende de determinados aspectos, como foram salientados anteriormente. Dessa forma, não há como sustentar uma imposição de feminilidade à todas as mulheres, como foi feito pelas construções culturais em relação às mesmas, pois somente a partir da organização de sua subjetividade que elas poderão atingir

a feminilidade, assim como podem não fazê-lo também, tudo isto sendo defendido pelo feminismo, na medida em que diz respeito à identidade feminina que elas buscam.

Em relação à essa feminilidade, foi salientada por Freud (1996/1924) que ela estaria ligada a uma troca de desejos – do pênis para o bebê - sendo então próprio da mulher o desejo materno, teoria esta que se articula com as próprias representações que se tinha da mulher na sociedade, isto é, que elas deveriam ser mãe. O desejo por esses elementos demonstra um desejo pelo atributo fálico e, conseqüentemente, uma negação da falta que constitui a mulher, e na época de Freud o bebê poderia ocupar esse lugar, porém nos dias atuais, as mulheres elegem outros elementos que também podem ocupar esse lugar, como carros, casa, viagens, joias, etc. Diante disso, um dos aspectos discutidos pelo feminismo é essa questão, pois defende-se que a mulher deve ter o direito de decidir se deseja ser mãe ou não e isso pode se relacionar a esses outros elementos que podem ocupar o lugar de atributo fálico assim como um bebê, porém são as mulheres que devem eleger esse elemento que fará com que se sintam fállicas.

Além disso, é possível questionar se essa prescrição feita à mulher traz satisfação, pois na clínica psicanalítica observa-se que muitas mulheres não apresentam essa satisfação e isto acaba por gerar um sofrimento intenso pelo fato de que precisam atender à essa demanda do Outro, mas não dão conta disso, provando como o feminino vai ser atravessado pela cultura na qual a mulher está inserida. Esse questionamento acaba por levar à reflexão de que essa teorização de Freud se adequava à realidade que ele vivia quando escreveu e que ainda hoje vivencia-se suas repercussões porque é um dos pontos que o feminismo vem questionar por ser algo que traz algum tipo de sofrimento às mulheres.

Freud (1933/1996) ressalta que a mulher tem uma capacidade menor em fazer sublimação, no entanto esta visão não corresponde às mulheres do século XXI, e só podem ser entendidas e contextualizadas na sociedade da época de Freud, pois observa-se que as mulheres na contemporaneidade, já realizam muitos feitos na sociedade, feitos que antes eram realizados somente pelos homens. Diante disso, é que se pode questionar se existe uma diferença entre homens e mulheres, pois o lugar da mulher na cena social vem sendo alterado e ampliado desde o surgimento da psicanálise; modificaram-se e confundiram-se as insígnias da feminilidade e assim as diferenças entre os sexos foram sendo borradas (KEHL, 1992).

Além disso, questiona-se sobre a existência dessa diferença pelo fato de que o falo tão desejado pela mulher já não possui o mesmo valor, isto porque tanto as mulheres, quanto os homens não possuem este atributo. As mulheres já podem perceber que os homens não são mais tão fállicos como eram em tempos passados, agora eles já trocam de papéis com mulheres, exercem atividades que eram propriamente femininos e conseqüentemente, as mulheres também passam a exercer papéis que eram designados

apenas aos homens, o que possibilita que novas relações se constituam nas quais o poder não está apenas designado àquele que possui o atributo fálico. Os homens se diferenciam das mulheres apenas por possuírem um representante imaginário do falo, o pênis, este que acaba por representar a masculinidade do homem, não havendo o mesmo representante na mulher.

O fato das mulheres não possuírem um elemento que represente a sua feminilidade pode estar relacionado à identidade feminina que o feminismo vem buscando construir, pois até então não há algo que as caracterizem como mulher, fazendo com que elas sejam inferiorizadas, sendo possível pensar que uma identidade feminina serviria como um apoio à própria feminilidade das mulheres da mesma forma que o pênis é o apoio da masculinidade do homem.

Em relação à essa falta de um representante feminino, pode-se refletir sobre a predisposição às identificações, pois as mulheres se identificam com outras a fim de encontrar um modelo de como é ser uma mulher (DOR, 1991). Pensando nas mulheres feministas, elas podem estar se reunindo nesse movimento porque se identificam umas com as outras com o objetivo de encontrarem o representante da sua feminilidade, elas se reúnem para pensar uma questão que é própria às mulheres: *o que é ser uma mulher?*

Pelo fato das mulheres não temerem a castração, pois já são castradas, elas podem se arriscar mais, são mais livres, pode-se pensar que isto justifica as lutas feministas por direitos. Estas movimentações têm causado muitos conflitos para a sociedade, e é possível pensar que isso ocorre porque a cultura é masculina, patriarcal e conservadora, então a mesma sente-se ameaçada – na verdade, os homens sentem-se ameaçados, pois são eles que ainda temem a castração, diferentemente da mulher, em vista de que ela não tem nada a perder.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando as teorizações psicanalíticas apresentadas neste ensaio sobre a mulher, principalmente a teoria de que há uma desigualdade na constituição da subjetividade de homens e mulheres, pode-se entender que o feminismo se organiza a fim de lutar contra essa desigualdade que tem origem na própria constituição das mulheres, ou seja, no feminismo há uma luta por igualdade entre homens e mulheres, que originalmente diz respeito à uma igualdade fálica.

A partir deste ponto, as mulheres passam a reivindicar por mais direitos e com isso passam criticar a teoria psicanalítica, de maneira equivocada, pois o que está em jogo é o atributo fálico e não o pênis. Desta forma acredita-se que todas essas conquistas só foram

possíveis por conta de um desejo que as movimentaram nesta busca: o desejo de ter um atributo fálico. Isso, em sua originalidade, é o desejo de possuir o pênis, desejo tão primitivo e tão particularmente feminino, como diz Freud. Este é o ponto que o feminismo critica, pois não aceitam que todos os movimentos das mulheres feministas sejam baseados em uma inveja fálica que se originou na própria constituição delas enquanto sujeitos.

O que está em jogo nas discussões feministas sobre o feminino e a feminilidade é também o ódio à diferença, que é evidenciado pela diferença sexual anatômica marcada no corpo feminino. Isso nos faz pensar que ao lutarem por seus direitos os movimentos feministas demonstram a diferença e por isso tantas críticas a esse movimento, uma vez que a sua existência demarca um espaço de alteridade, o qual a sociedade não está preparada para lidar.

Embora existam diversas críticas à psicanálise por parte do feminismo, não há como desconsiderar o fato de que Freud foi inovador ao fazer proposições sobre a sexualidade da mulher, possibilitando um espaço para que se falasse sobre elas já que somente na esfera privada podiam se expressar, possibilitando também que o feminismo avançasse.

Pode ser entendido que Freud continua inovador, considerando que atualmente existem as mais variadas discussões sobre a temática mulher e feminismo, porém são poucos os estudiosos que se dedicaram a investigar a mulher e suas peculiaridades, como Freud buscou fazer. Não se pode esquecer também que Freud possibilitou que a diferença fosse pensada e assim permitiu que houvesse um espaço para que as reivindicações das mulheres pudessem existir, visto que só é possível reivindicar quando uma diferença está instaurada.

Nessa medida é possível dizer que a psicanálise freudiana esteve articulada à proposta feminista de se falar sobre a mulher e não mais somente sobre os homens. Sobre o processo de desenvolvimento destes, Freud chegou a salientar que havia um maior conhecimento, já em relação às mulheres, salientava ser um “continente obscuro” o desenvolvimento delas, mas que ele se propôs a investigar.

Este ensaio teórico teve como finalidade pensar o feminismo, a feminilidade e a mulher do século XXI em uma perspectiva psicanalítica, o que pôde ser feito em determinada medida. Deste modo, as especulações realizadas visaram propiciar o surgimento de reflexões sobre estas temáticas, buscando que se amplie o conhecimento a respeito delas, pois muitas discussões vêm sendo realizadas neste momento da contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Serge. O tornar-se mulher. In: \_\_\_\_\_. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. 4 ed. v. 1. Difusão Europeia do livro: São Paulo, 1970.

DOR, Joël. **Estruturas e Clínica Psicanalítica**. Rio de Janeiro: Livraria Taurus-Timbre Editores, 1991.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

FARIA, Nalu. Por onde passa a história da luta das mulheres. In: **O feminismo é uma prática: reflexões com mulheres jovens do PT**. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2008.

FREUD, Sigmund. A Dissolução do Complexo de Édipo. In: \_\_\_\_\_. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos. In: \_\_\_\_\_. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. A Organização Genital Infantil (Uma Interpolação Na Teoria da Sexualidade). In: \_\_\_\_\_. **O Ego e o Id e outros trabalhos**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Análise Terminável e Interminável. In: \_\_\_\_\_. **Moisés e o Monoteísmo, Esboço de Psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: \_\_\_\_\_. **Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. O Esclarecimento Sexual das Crianças. In: \_\_\_\_\_. **“Gradiva” de Jensen e outros trabalhos**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Sexualidade Feminina. In: \_\_\_\_\_. **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In: \_\_\_\_\_. **Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos**. Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

CODOGNOTO, Luciana Silva. **As representações sociais e o feminino nas esferas públicas da sociedade: uma história de lutas, resistências e conquistas**. [entre 2005 e 2016] Disponível em < <http://faculdadefinan.com.br/pitagoras/downloads/numero1/as-representacoes-sociais-e-o-feminino.pdf>> Acesso em: 26 out. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Mensal de Emprego:** Mulher no mercado de trabalho. Disponível em: < [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme\\_nova/Mulher\\_Mercado\\_Trabalho\\_Perg\\_Resp.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp.pdf)> Acesso em: 07 jun. 2016.

KEHL, Maria Rita. **A mínima diferença.** 1992. Disponível em < <http://www.revistaforum.com.br/2015/03/03/maria-rita-kehl-minima-diferenca/>> Acesso em: 26 out. 2016.

\_\_\_\_\_. **O peso da feminilidade.** 2004. Disponível em < <http://www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=70>> Acesso em: 24 mar. 2016.

MANINI, Daniela. A Crítica Feminista à Modernidade e o Projeto Feminista no Brasil dos anos 70 e 80. **Cadernos AEL**, n.º 4, p. 45-65, 1996.

NYE, Andrea. **Teoria Feminista e as Filosofias do Homem.** Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, História e Poder. **Rev. Sociol. Polít.** v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Dicionário de Psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ZALCBURG, Malvine. A função eminente do amor na mulher. In: \_\_\_\_\_. **Amor Paixão Feminina.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.